



## **GILEAD: O REAL-FICCIONAL DAS DISTOPIAS POLÍTICAS DO TEMPO PRESENTE**

Eloísa Cecília Dias Martins  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil  
Endereço eletrônico: elocecilia2@hotmail.com

Elizeu Pinheiro da Cruz  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil  
Endereço eletrônico: epcruz@uneb.br

### **INTRODUÇÃO**

A palavra distopia é derivada de duas palavras gregas, *dus* e *topos*, e ao pé da letra significa um lugar doente, ruim, defeituoso ou desfavorável. Ao trazer esse conceito para o campo literário, podemos inferir que uma das características principais dos textos distópicos são críticas às tendências, comportamentos e fenômenos, frequentemente marcadas pela presença do autoritarismo, violência física ou psicológica, perda de liberdades individuais e, principalmente, alienação. Assim, as distopias trazem o pesadelo de um futuro ao se maximizar circunstâncias reais do presente (PEREIRA, 2018).

O romance “O Conto da Aia de Margaret Atwood”, publicado em 1985, é um texto distópico que novamente é trazido à apreciação do público através de uma série do sistema de streaming Hulu, denominada *The Handmaid’s tale*, lançada no ano de 2017. (PEREIRA, 2018).

No romance, como também na série, por conta das consequências da devastação ambiental, as taxas de fertilidade caíram drasticamente, os Estados Unidos estão em colapso, enfrentando conflitos internos e guerras civis. É nesse cenário que um movimento cristão chamado “Filhos de Jacó” mata o presidente e a maior parte do congresso, instalando assim a república de Gilead.

Esse governo, de caráter teocrático teve como uma das primeiras ações pôr fim aos direitos das mulheres e, além disso, dividiu toda a população em castas que desempenham papéis muito bem definidos. As mulheres inférteis foram divididas em duas castas: as “tias” (educadoras no centro vermelho) e as “Marthas” (trabalhadoras domésticas). Outra casta foi composta pelas esposas, na qual algumas foram abençoadas



com a dádiva de serem férteis. Porém, as inférteis, de famílias mais ricas, puderam conseguir, no centro vermelho, uma aia, casta essa constituída por mulheres férteis. O papel da aia na sociedade de Gilead, é gerar os bebês das famílias mais ricas.

O romance é narrado pela aia Offred, (em tradução livre o nome basicamente significa De Fred. Of, de, Fred, nome do comandante). A história segue a trajetória de Offred desde quando ela é retirada do convívio familiar, seu treinamento no centro vermelho pelas tias e seu serviço na casa dos Waterford. A narrativa é construída de forma não linear, portanto acontecimentos do passado e presente imbricam-se no desfecho da trama.

Partindo desse contexto apresentado no livro de Margaret Atwood, o tema deste estudo resulta do empenho, e também necessidade, de se realizar uma análise da obra, bem como, uma reflexão sobre os sistemas políticos e humanos que constitui as sociedades, estabelecendo, assim, como principal objetivo, traçar possíveis diálogos entre ficção e realidade.

## **METODOLOGIA**

Como se trata da análise de uma obra literária, essa pesquisa tem caráter qualitativo segundo os conceitos apresentados por Minayo (2001). Além disso, caracteriza-se ainda como pesquisa bibliográfica, levando em consideração a definição de Fonseca (2002).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Como outras coisas agora, os pensamentos devem ser racionados. Há muita coisa em que não é produtivo pensar. Pensar pode prejudicar suas chances, e eu pretendo durar (ATWOOD, 2017 p. 16).

Pereira (2018) relata que o romance O Conto da Aia foi escrito em um momento de política reacionária, o governo Reagan havia promovido diversas privatizações, o afrouxamento de direitos relacionados à classe trabalhista, aumento nos gastos militares, cortes em gastos públicos, além ainda de ser um período no qual grupos políticos defendiam valores familiares tradicionais, posicionando, por exemplo, contra leis relacionadas ao aborto e aos direitos homossexuais, acrescentando ainda a essa lista a organização política de cristãos conservadores e programas televisivos de cunho evangélico.



Esse contexto histórico justifica a afirmação da autora Atwood (2017) ao dizer que não colocaria no livro eventos que não houvessem já acontecido no “pesadelo” da história, nem uma tecnologia que não estivesse já disponível. É por esse aspecto que Varsam (2003) caracteriza o romance como uma distopia concreta. Ou seja, a linha entre ficção e realidade é mais tênue do que se pode imaginar. Geralmente, a partir de eventos reais o texto em si transmite sua crítica e seu alerta.

O que não se sabia é que essa linha ficaria cada vez mais tênue com o passar dos anos. Rüsche (2017) traz um relato bem interessante sobre essa ascensão de governos com o resultado da eleição do presidente Donald Trump nos Estados Unidos. Segundo ela, quando a apuração dos votos demonstrava uma inúmera quantidade a favor de Trump nas telas de televisão de um bar, “uma senhora com cabelos revoltos e casaco elegante berrava contra os números: Não é possível! Não é possível!”. No dia seguinte, nas manifestações que se seguiram pelo país, um cartaz em especial lhe chamou a atenção: “Por favor, façam Margaret Atwood, voltar a ser ficção de novo”.

No livro, é possível identificar claramente os diversos núcleos nos quais orbitam a integridade de valores. Uma família, cuja chefia é um homem rico, comandante Fred, influente e de boa reputação no governo. Um motorista, Nick, a serviço do comandante. As mulheres perderam o direito de ter nomes próprios, as empregadas domésticas são Marthas, Coras ou Ritas em seu trajes verdes. A esposa, Serena Joy, que antes era uma cantora gospel, agora vive sem voz, ocupada demais com seus jardins vestindo seus trajes azuis. E Offred, a aia, com seus trajes vermelhos e seus chapéis brancos, que através de um ritual de cópula mensal, poderá gerar o filho do casal. Se esse filho nascer, ele permanece na casa, porém a aia deverá partir para o serviço ritualístico com um novo comandante.

Em Gilead, as mulheres não possuem dinheiro nem qualquer outro bem, aliás, a posse de bens materiais é destituída à mulher logo no início do governo dos Filhos de Jacó; geralmente, a posse desses bens era dada ao marido, se esse fosse seu primeiro casamento. As mulheres não podiam exercer uma profissão além dos serviços ligados as castas a qual pertenciam e, principalmente, não tinham o direito à leitura.

Importante destacar aqui a ascensão desse novo regime. Offred chega a narrar que não há nenhum movimento coletivo de resistência em Gilead, que, quando os filhos de Jacó suspenderam a constituição alegando ser essa uma ação temporária, não houve



tumultos na rua. Não foi uma mudança instantânea, mas paulatina e sem resistência.

Vivíamos, como de costume, por ignorar. Ignorar não é a mesma coisa que ignorância, você tem de se esforçar para fazê-lo. Nada muda instantaneamente: numa banheira que se aquece gradualmente você seria fervida até a morte antes de se dar conta. Havia matérias nos jornais, é claro. Corpos encontrados em valas ou na floresta, mortos e cacetados ou mutilados, que haviam sido submetidos a degradações, como costumavam dizer, mas essas matérias eram a respeito de outras mulheres, e os homens que faziam aquele tipo de coisas eram outros homens. (ATWOOD, 2017, p. 71).

O interessante também é perceber que no livro Offred diz que, nos primeiros momentos, as tias, o centro vermelho, não eram de conhecimento público, assemelhando assim com os relatos, por exemplo, da população alemã que afirmavam não ter conhecimento algum dos campos de concentração nazistas.

O que eu não sabia, é claro, era que naqueles primeiros tempos as Tias e mesmo o Centro não eram de conhecimento público. Era tudo secreto inicialmente, por trás de cercas de arame farpado. Poderiam ter havido objeções ao que estavam fazendo, mesmo então. De maneira que embora as pessoas tivessem visto uma Tia aqui e ali, não sabiam para que elas serviam realmente. Devem ter pensado que fossem algum tipo de enfermeira do exército. As pessoas já haviam parado de fazer perguntas, a menos que de fato precisassem. (ATWOOD, 2017 p.291).

Essa falta de perguntas relatada no trecho acima, bem como, o trecho anterior, no qual Offred afirma que as coisas não acontecem instantaneamente, traz à memória mais uma vez o relato de Rüsche (2017) quando afirma que poucas obras traduziam tão bem o que se assiste na era atual. A maior potência econômica mundial, os Estados Unidos, elegendo um presidente abertamente misógino. E porque manter esse pensamento apenas no governo Trump? Em 2018, uma senhorinha em algum bar brasileiro também berrou contra os números que elegeram um presidente abertamente racista, misógino e homofóbico.

Como Offred diz na sua narrativa, o governo dos Filhos de Jacó estava estampado nas mídias e a população não se deu conta do que orbitava à sua volta. Isso traz à lembrança nesse momento, outro questionamento presente num livro de não ficção, mas sim biográfico, “A mulher do oficial Nazista” de Edith Hahn Beer. Beer também relata que a população não se deu conta do que significava a ascensão do partido Nazista e muitos não arianos começaram a se questionar: “Como uma gangue de homenzinhos pomposos consegue destruir tão rapidamente as instituições democráticas de um grande país?” (BEER, 2017 p.39). O ideário de que a história se repete, aqui se



enquadra, não mais na ficção, mas com certeza essa tem sido a pergunta feita por muitos brasileiros e norte americanos nos governos atuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda noite quando vou para a cama penso: vou acordar de manhã em minha casa e as coisas estarão de volta como eram. Não aconteceu essa manhã, também (ATWOOD, 2017 p. 237).

A distopia *O Conto da Aia* é, sem sombra de dúvidas, um celeiro de discussões que precisa urgentemente ser trabalhado. Diversos estudos acadêmicos já foram realizados abrangendo os temas descritos na obra. No entanto, atualmente, após os acontecimentos posteriores à sua publicação, o entendimento de suas entrelinhas está mais presente. A obra de Atwood traz temas das agendas feministas, discussões ecológicas, religiosas, políticas, direitos de minorias, gênero, dentre outras. Discussões essas que estiveram e estão no centro das agendas eleitorais nos últimos anos e, por isso, não se pode estar alheio a elas, afinal, como defende a protagonista em estudo, “nada acontece instantaneamente”.

**PALAVRAS-CHAVE:** O Conto da Aia; Distopia; Política.

## REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margareth. **O conto da Aia**. Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. Tradução de: *The Handmaid's Tale*.

BEER, Edith Hahn. **A mulher do Oficial Nazista**. Tradução Natalie Gerhardt. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, Alice de Araújo Nascimento. Circulação, Tramas & Sentidos na Literatura. In: XVI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA (ABRALIC), XVI. 2018. **Anais...** Brasília, 2018. 3090-3106 p.

RÜSCHE, Ana. Atwood e de quanto o real ultrapassa a ficção: A obra da escritora canadense como lente para pensarmos o ano que acaba. **Pernambuco**. Pernambuco, v. 142, p. 12-17, Dez 2017.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

VARSAM, Maria. “Concrete Dystopia: Slavery and Its Others”. In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (orgs.). *Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination*. Nova York; Londres: Routledge, 2003.



**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**